

As Irmãs

Desta vez não havia esperança para ele: era o terceiro ataque. Eu passara junto à casa noite após noite (estávamos em férias), observando o quadrado iluminado da janela; e, noite após noite, encontrara-o iluminado com a mesma claridade frouxa e uniforme. Se tivesse morrido, pensava eu, veria o reflexo de velas no estore escurecido, pois sabia que se devem colocar duas velas à cabeceira de um defunto. Dizia-me muitas vezes: «Não me resta muito tempo neste mundo», e eu achava que eram palavras à toa. Agora sabia que eram a sério. Todas as noites, ao erguer os olhos para a janela, dizia baixinho para mim a palavra paralisia. Sempre soara de modo estranho aos meus ouvidos, como a palavra gnómon em Euclides e a palavra simonia no catecismo. Mas agora parecia-me o nome de um ser maléfico e pecador. Enchia-me de terror, no entanto ansiava por estar mais perto para presenciar a sua obra mortal.

O velho Cotter estava sentado à lareira, a fumar, quando desci para jantar. Enquanto a minha tia me servia papas de aveia, ele disse, como se desse continuação a um comentário anterior:

«Não, não diria que ele era realmente... mas havia qualquer coisa estranha... havia algo misterioso nele. Vou dizer-lhe qual a minha opinião...»

Começou a tirar cachimbadas, sem dúvida compondo mentalmente uma opinião. Velho néscio e enfadonho! Quando o conhecemos tinha um certo interesse, falava de álcoois etílicos e de serpentinas de alambique; mas depressa me fartei dele e das suas histórias intermináveis sobre a destilaria.

«Tenho a minha teoria pessoal a esse respeito», disse. «Creio que foi um desses... casos peculiares. Mas é difícil dizer...»

Recomeçou a puxar baforadas do cachimbo, sem nos apresentar a sua teoria. O meu tio reparou no meu olhar fixo e disse-me:

«Pois é, o teu velho amigo lá se foi, para pena tua.»

«Quem?», perguntei.

«O padre Flynn.»

«Morreu?»

«Mr Cotter acaba de nos dar a novidade. Passou lá pela casa.»

Sabia que estava a ser observado, por isso continuei a comer como se a notícia não me interessasse. O meu tio explicou ao velho Cotter.

«O garoto e ele eram grandes amigos. O velho ensinou-lhe muita coisa, é preciso não esquecer; e dizem que tinha grandes esperanças nele.»

«Deus tenha piedade da sua alma», disse a minha tia com devoção.

O velho Cotter ficou um momento a olhar para mim. Senti que os seus olhinhos pretos como contas me inspeccionavam, mas não ia dar-lhe a satisfação de levantar os olhos do prato. Ele regressou ao cachimbo e por fim cuspiu grosseiramente para a lareira.

«Não me agradaria que filhos meus tivessem grandes conversas com um homem daqueles», disse.

«O que quer dizer com isso, Mr Cotter?», perguntou a minha tia.

«O que eu quero dizer é que isso é nocivo para as crianças», disse Mr Cotter. «Cá na minha ideia, um rapaz deve conviver e brincar com os rapazes da sua idade, em vez de... Tenho razão, Jack?»

«O meu preceito também é esse», respondeu o meu tio. «Que aprenda sozinho a singrar na vida. Estou sempre a dizer a esse rosacruzista que faça exercício. Olhe, quando eu era garoto, todas as manhãs tomava um banho frio, de Verão e de Inverno. E é isso que hoje me mantém em forma. A educação pode ser uma coisa boa, mas... Talvez Mr Cotter queira um pedaço dessa perna de carneiro», acrescentou, dirigindo-se à minha tia.

«Não, não, para mim, não», disse o velho Cotter.

A minha tia tirou a travessa do armário da comida e trouxe-a para a mesa.

«Mas por que razão acha que não é bom para as crianças, Mr Cotter?», perguntou ela.

«É nocivo para as crianças», disse o velho Cotter, «porque as mentalidades delas são muito impressionáveis. Quando as crianças vêem coisas daquelas, está a perceber, isso tem um efeito...»

Atafulhei a boca de papas, com receio de ser tentado a expressar a minha fúria. Velho imbecil e enfadonho de nariz rubicundo!

Já era tarde quando adormeci. Embora estivesse furioso com o velho Cotter por se referir a mim como uma criança, dei voltas à cabeça para encontrar um sentido para as suas frases inacabadas. Na escuridão do meu quarto imaginava que via ainda o rosto cinzento e pesado do paralítico. Cobri a cabeça com os cobertores e tentei pensar no Natal. Mas o rosto cinzento continuava a perseguir-me. Sussurrava; compreendi que desejava confessar qualquer coisa. Senti a minha alma apartar-se para uma região agradável e cheia de vícios; e ali o encontrei uma vez mais à minha espera. Começou a confessar-se a mim numa voz sussurrante, e eu perguntava-me porque sorria ele continuamente e porque tinha os lábios tão molhados de saliva. Mas depois recordei-me de que morrera de paralisia e senti que também eu sorria languidamente, como se quisesse absolver o simoníaco do seu pecado.

Na manhã seguinte, após o pequeno-almoço, fui dar uma olhadela à pequena casa da Great Britain Street. Era um estabelecimento desprezioso, baptizado com o vago nome de Loja de Panos e Tecidos. Dedicava-se sobretudo a botinhas de lã para bebé e guarda-chuvas; e em dias normais costumava estar um anúncio pendurado na montra, a dizer: “Forram-se Guarda-Chuvas”. Agora não havia anúncio nenhum à vista, pois os taipais estavam postos. Um *bouquet* de crepe estava atado ao puxador da porta com uma fita. Duas mulheres humildes e um boletineiro estavam a ler o cartão pregado no crepe com alfinetes. Aproximei-me também e li:

1 de Julho de 1895
O Reverendo James Flynn
(outrora prior da Igreja de Santa Catarina,
na Meath Street),
de sessenta e cinco anos de idade.
Paz à sua alma.

A leitura do cartão convenceu-me de que ele de facto morrera, e fiquei incomodado por me sentir constrangido. Se ele não tivesse morrido eu teria entrado para o pequeno quarto escuro nas traseiras da loja, onde iria encontrá-lo sentado na poltrona junto à lareira, quase sufocado dentro do sobretudo. Talvez a minha tia me tivesse dado um

pacote de *High Toast* para ele, e esse presente tê-lo-ia despertado da habitual modorra entorpecida. Era sempre eu que despejava o pacote para a caixa de rapé preta, porque as mãos tremiam-lhe demasiado para que ele o conseguisse fazer sem derramar metade do rapé para o chão. Mesmo quando levava ao nariz a grande mão trémula, pequenas nuvens de pó de tabaco escorriam-lhe por entre os dedos para o peito do sobretudo. Podem ter sido esses espargimentos constantes de rapé que deram às suas antigas vestes de padre aquele tom verde desbotado, pois o lenço de assoar vermelho com que tentava remover as partículas que caíam, enegrecido como estava pelas manchas de rapé de toda a semana, era completamente ineficaz.

Apeteceu-me entrar e olhar para ele, mas não tive coragem de bater à porta. Afastei-me devagar pelo lado da rua batido pelo sol, lendo ao passar todos os anúncios de espectáculos teatrais expostos nas montras. Achei estranho que nem eu nem o dia mostrássemos um ar pesado e senti-me até contrariado ao descobrir em mim uma sensação de liberdade, como se a sua morte me tivesse libertado de alguma coisa. O que me causou espanto, pois como o meu tio dissera na noite anterior ele ensinara-me muita coisa. Tinha estudado no colégio irlandês em Roma e ensinara-me a pronunciar o latim correctamente. Contara-me histórias sobre as catacumbas e sobre Napoleão Bonaparte, e explicara-me o significado dos diferentes cerimoniais da missa e dos diversos paramentos usados pelo sacerdote. Por vezes divertira-se fazendo-me perguntas difíceis, querendo que eu dissesse o que uma pessoa devia fazer em determinadas circunstâncias, ou se tais e tais pecados eram mortais ou veniais ou apenas defeitos. As suas perguntas mostraram-me quão complexas e misteriosas eram certas práticas da Igreja, que eu sempre vira como os mais insignificantes actos. Os deveres do sacerdote em relação à Eucaristia e ao segredo da confissão pareciam-me tão graves que me causava admiração como é que alguém alguma vez tinha tido a coragem de os assumir; e não fiquei surpreendido quando me contou que os padres da Igreja haviam escrito livros tão grossos como a *Lista dos Correios* e numa letra tão miudinha como os anúncios judiciais no jornal, para explicar todas essas intrincadas questões. Quando reflectia sobre isso, geralmente não era capaz de lhe dar qualquer resposta, ou então dava alguma muito disparatada e hesitante, de que ele habitualmente se ria, abanando a cabeça duas ou três vezes. Noutras ocasiões queria que eu dissesse os responsos da missa, que me obrigara a aprender de cor; e enquanto eu

salmodiava ele sorria com ar pensativo e abanava a cabeça, enfiando grandes pitadas de rapé ora numa ora noutra narina. Quando sorria mostrava os grandes dentes descoloridos e deixava pousar a língua sobre o lábio inferior, um hábito que me fazia sentir pouco à vontade nos primeiros tempos do nosso relacionamento, antes de o conhecer bem.

Prosseguindo a minha caminhada ao sol, lembrei-me das palavras do velho Cotter e tentei recordar o que depois acontecera no sonho. Lembrava-me de ter reparado em longos reposteiros de veludo e num candeeiro oscilante de modelo antigo. Tinha a sensação de ter estado muito longe, em qualquer terra de estranhos costumes — na Pérsia, pareceu-me... Mas não era capaz de me lembrar do final do sonho.

À tardinha a minha tia levou-me consigo em visita de condolências à casa enlutada. Já era sol-posto, mas as vidraças das casas viradas a poente reflectiam o ouro-fulvo de um grande banco de nuvens. Nannie recebeu-nos no vestíbulo; uma vez que seria inconveniente gritar-lhe, a minha tia limitou-se a dar-lhe um aperto de mão. A idosa mulher apontou para cima interrogativamente e, vendo que a minha tia lhe acenava que sim, começou a subir a custo a escada estreita à nossa frente; a sua cabeça inclinada mal ultrapassava a altura do corrimão. Parou no primeiro patamar e fez-nos sinal a encorajar-nos, para que nos dirigíssemos à porta aberta do quarto do defunto. A minha tia entrou e a mulher idosa, vendo que eu hesitava, recomeçou a fazer-me sinais com a mão.

Entrei em bicos de pés. O quarto estava inundado por um lusco-fusco de luz dourada que passava através do remate rendilhado da cortina, e que fazia as velas parecerem ténues flâmulas pálidas. Ele já estava no caixão. Seguindo o exemplo de Nannie, ajoelhámo-nos os três aos pés da cama. Era minha intenção rezar mas não consegui conciliar as ideias, porque o bichanar da velhota me distraía. Reparei que ela tinha a saia desajeitadamente presa atrás e os tacões das botas de tecido todos inclinados para um lado. Tive a impressão de que o velho padre estava a sorrir deitado no caixão.

Mas não. Quando nos levantámos e nos dirigimos para a cabeceira da cama, vi que não estava a sorrir. Ali jazia, solene e nutrido, paramentado como se fosse para o altar, segurando frouxamente um cálice nas grandes mãos. O rosto era muito truculento, cinzento e maciço, com as narinas pretas cavernosas, e aureolado por uma pelagem branca e rala. Pairava no quarto um aroma pesado: as flores.